

Licenciatura em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB): arte e reflexões sobre o trabalho pedagógico de egressos(as)

 Maria Jucilene Lima Ferreira¹,  Lídia Barreto da Silva²,  Gilselia Macedo Cardoso Freitas³

^{1, 2} Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Departamento de educação - Campus XIV. Avenida Luís Eduardo Magalhães, 988, Jaqueira. Conceição do Coité - BA. Brasil. ³ Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB.

Autor para correspondência/Author for correspondence: mferreira@uneb.br

RESUMO. A formação de educadoras(es) do campo assume, atualmente, a centralidade do debate acerca dos fundamentos teórico-metodológicos que propiciam processos educativos de perspectiva emancipadora. Assim, o artigo indaga acerca do lugar que a arte ocupa no trabalho docente de egressas(os) da licenciatura em Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Objetiva-se discutir concepções e princípios da formação de educadoras(es), no curso de licenciatura em Educação do Campo e as contribuições da arte nesse processo formativo, para a análise crítica do lugar que a arte ocupa no trabalho docente de egressos (as). A metodologia ancora-se no materialismo histórico dialético. Tomou-se como referência para análise o projeto de reconhecimento do curso, dados da pesquisa realizada em 2018 e a aplicação de um questionário, pela plataforma digital *Google Forms* (2021). Os resultados apontam que a arte está presente no trabalho pedagógico de egressas(os), assim como assume lugar de destaque. Conclui-se apontando as atividades artísticas como alternativa teórico- metodológica para a formação de educadoras(es) do campo e para o trabalho pedagógico que realizam.

Palavras-chave: licenciatura em educação do campo, arte, egressos, formação.

Rural Education Degree of the Universidade do Estado da Bahia (UNEB): art and reflections on the pedagogical work of graduates

ABSTRACT. The training of rural educators currently assumes the centrality of the debate on the theoretical-methodological foundations that provide educational processes with an emancipatory perspective. So, the article inquires about the place that art occupies in the teaching work of graduates of the degree in Rural Education, at the University of the State of Bahia (UNEB). The objective is to discuss conceptions and principles of the training of Educators, in the degree course in Rural Education and the contributions of art in this formative process, for the critical analysis of the place that art occupies in the teaching work of graduates. The methodology is anchored in dialectical historical materialism. The course recognition project, research data carried out in 2018 and the application of a questionnaire, by the Google forms digital platform, were used as reference. The results show that art is present in the pedagogical work of graduates, as well as assuming a prominent place. It concludes by pointing to artistic activities as a theoretical-methodological alternative for the training of rural educators and for the pedagogical work they carry out.

Keywords: degree in rural education, art, graduates, training.

Grado en Educación del Campo, en la Universidad del Estado del Bahia (UNEB): arte y reflexiones sobre la obra pedagógica de egressos(as)

RESUMEN. La formación de los educadores en el campo asume, actualmente, la centralidad del debate sobre los fundamentos teórico-metodológicos que dotan los procesos educativos de una perspectiva emancipadora. Entonces, lo artículo indaga-se sobre el lugar que ocupa el arte en la labor docente de los egresados de la carrera de Educación Rural, en la Universidad del Estado de Bahía (UNEB). El objetivo es discutir concepciones y principios de la formación de Educadores, en la carrera de Educación Rural y los aportes del arte en este proceso formativo. La metodología adoptada es lo materialismo histórico dialéctico. Los instrumentos para el análisis son el proyecto de reconocimiento del curso, los datos de la investigación realizada en 2018 y la aplicación de un cuestionario, por la plataforma digital *Google forms* (2021). Los resultados muestran que el arte está presente en la labor pedagógico de los egresados. Se concluye señalando las actividades artísticas como una alternativa teórico-metodológica para la formación del (los) educador (as) en el campo y para la labor pedagógica que realizan.

Palabras clave: licenciatura en educación rural, arte, egresados, formación.

Introdução

Desde o golpe parlamentar de abril de 2016, que destituiu Dilma Rousseff do cargo de presidenta da República do Brasil, a educação do país tem sido foco de amplas reformas, pelo Ministério da Educação, que significam, sobretudo, o avanço das políticas neoliberais sobre a educação básica e o ensino superior. A *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC, 2018) e a *Base Nacional Comum para Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC - Formação, 2019)* são exemplos de documentos que se constituem como projetos de educação/formação para o país, sob a lógica do capital/mercado, que disputam o currículo escolar e, por conseguinte, os fundamentos teórico-metodológicos para a formação de crianças, jovens, adultos e profissionais da educação.

A BNCC e a BNC-Formação apresentam-se como padronização e engessamento formativo. Ou seja, a política de educação do país sob a retórica da *aprendizagem essencial* e da *formação integral* (a qual inclui dez competências) regula os processos formativos e os limita ao conteúdo aleatório e ao ativismo pedagógico. “A universalização das políticas não pode significar homogeneização, especialmente, no

campo do currículo escolar, onde o diálogo com as especificidades socioculturais é fundamental para qualificar a práxis” (Sena, 2019, p. 20).

Na contramão dessa perspectiva hegemônica de educação, o projeto de Educação do Campo, protagonizado pelos Movimentos Sociais Populares do Campo e a perspectiva crítico emancipadora para a formação de educadoras e educadores do campo, disputam processos educativos que se articulam a uma compreensão de Campo, de Educação e de Política Pública como tríade indissociável. Trata-se de um projeto educativo que parte da realidade social concreta da vida e da reprodução da vida no campo e se lança ao conhecimento universal, pelo processo de elaboração de bases teóricas para retornar à realidade munidos de leituras críticas necessárias à participação dos sujeitos nessa realidade/no mundo, com vistas à sua transformação.

No que diz respeito, especificamente, à formação de educadoras/educadores do campo essa prerrogativa de criticidade e de práxis se amplia e se faz elementar, na medida em que a docência é o exercício didático-pedagógico que materializa, a partir de âncoras teórico- práticas, o projeto de formação. Entende-se o projeto de Educação do Campo e da formação de

Educadoras/es como mola propulsora dos processos educativos na escola. No caso da Licenciatura em Educação do Campo, ofertada no período de 2010 a 2015, no Departamento de Educação, Campus XIII – Itaberaba-BA, da Universidade do Estado da Bahia, os processos educativos tomaram como referência a arte. Ou seja, buscou-se ao longo do processo de formação dar centralidade à concepção de arte, ao estudo teórico-prático da arte, traduzindo a conexão entre processos educativos da formação docente e do trabalho pedagógico na Escola do Campo.

Daí que este artigo se desenvolve focalizando a seguinte indagação: Qual o lugar que a arte ocupa no trabalho pedagógico de egressas/os do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB? Objetivamos, sobretudo, discutir concepções e princípios da formação de educadoras/es, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, bem como as contribuições da arte nesse processo formativo, tendo em vista a análise crítica acerca do lugar que a arte ocupa no trabalho pedagógico de egressas/os em seus campos de atuação. Quanto aos caminhos metodológicos, a pesquisa filia-se epistemologicamente ao materialismo histórico dialético. Trata-se de um trabalho que, ao mesmo tempo em que se

percorre a investigação, envolve-se diretamente com o objeto de estudo, na relação indissociável com esse objeto. Utilizou-se nos procedimentos metodológicos da revisão de literatura; pesquisa documental, indagando o Projeto Político Pedagógico do curso; e questionário aplicado pela plataforma virtual *Google Forms*, contendo 13 questões abertas e 8 questões fechadas. O link foi enviado a 17 egressos (com os quais se mantém contato) e foram recebidas 17 respostas.

Para tanto, o desenvolvimento do artigo se organiza em três partes: inicialmente encontra-se a abordagem histórica do curso de Licenciatura em Educação do Campo, apontando percursos da sua implantação e concepções do projeto político pedagógico. Na sequência apresentam-se apontamentos das práticas curriculares desenvolvidas durante o curso, focalizando a Arte como princípio fundante para processos formativos e para a compreensão da práxis educativa e criadora nas Escolas do Campo.

A Licenciatura em Educação do Campo - Códigos e Linguagens e Matemática na UNEB: contornos da sua materialidade

Iniciamos a escrita desse tópico com a frase de Paulo Freire (2016),

quando da comemoração do seu centenário: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”, a qual expressa o sentido que perseguimos durante o processo de materialidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo - Códigos e Linguagens e Matemática na Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Nosso entendimento, ao reunir o coletivo de professores e professoras, lideranças dos movimentos sociais do campo na Bahia e técnicos para a feitura do curso é que trazíamos as sementes das tantas experiências dos cursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária-PRONERA na UNEB, sobretudo os intensos debates na construção da Educação do Campo, forjados na luta por uma educação emancipadora e libertadora.

Do conjunto das ações da UNEB, certamente os cursos, desde a alfabetização ao ensino superior do PRONERA, fincaram as raízes de um processo dialógico molhado pela articulação constante com os movimentos sociais populares do campo. Nos ininterruptos encontros, intercalados pela produção do conhecimento acerca da educação do campo, avançávamos para o atendimento aos editais que nos

possibilitavam alcançar os sujeitos do campo nas suas diversas demandas por educação. Trazer a materialidade do curso de Licenciatura em Educação do Campo é contar com essa base constituída na práxis voltada para a reflexão e ação dos cursos de educação do campo na UNEB, desenvolvidas através de convênios com o PRONERA. De acordo com o Projeto de Reconhecimento do Curso (2019) “Como desdobramentos internos desse envolvimento com o PRONERA, foram criados vários cursos superiores voltados para acampados e assentados de Reforma Agrária, remanescentes de quilombos e toda a população campesina” (p. 95).

Na esteira do acúmulo das experiências, a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo contou com a participação de várias mãos, educadores e educadoras do campo, envolvendo um total de 27 pessoas, entre professores, técnicos e lideranças dos movimentos sociais populares do campo. A equipe de sistematização foi coordenada pelo Prof^o Dr^o Antônio Dias Nascimento, em razão da demanda por esse curso ser direcionada a ele, através de um pedido da central da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura no Estado da Bahia (FETAG-BA), com a participação da equipe do

Núcleo em Educação do Campo, da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) e da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROGRAD).

Dessa maneira, em atendimento ao Edital nº 02, de 23 de abril de 2008, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade e Inclusão (SECADI) e, mediante sua aprovação, a Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade do Estado da Bahia, foi criada e autorizada pela Resolução CONSU nº 937/2012, para funcionar em turma única, no Departamento de Educação de Itaberaba. O curso é oriundo do Convênio nº 742.012/2008, firmado entre a UNEB e o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), com a interveniência do Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

Conforme o Projeto de Reconhecimento (2019) do referido curso, a UNEB é caracterizada pela sua multicampia, organizada em

... 24 *campi* e 29 Departamentos, a UNEB hoje está presente em grande parte do território baiano, em áreas geoeconômicas de influência, de modo a beneficiar um universo maior da população baiana, seja através dos seus cursos de oferta contínua de graduação, cursos de oferta especial de graduação (programas especiais), cursos de pós-

graduação, projetos de pesquisa e de extensão. (p. 11).

Ainda, segundo o mesmo documento, essa “... estrutura *multicampi* adotada pela UNEB possibilita a implantação de novos cursos e *Campi* Universitários em regiões com baixos indicadores sociais que demandam políticas governamentais pautadas em ações de caráter educativo ...” (2019, p.11). Essa característica coloca a universidade no patamar de vanguarda frente ao fortalecimento de interiorização da educação superior cumprindo sua principal missão. A multicampia da UNEB e a procedência dos sujeitos/candidatos a estudantes ser de diferentes regiões da Bahia foram razões determinantes na realização do mesmo.

O *campus* indicado para acolher o curso foi o Departamento de Educação - Campus XIII, localizado em Itaberaba-BA, Portal da Chapada Diamantina, a partir do diálogo com os movimentos sociais envolvidos, quais sejam: Movimento do/as Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra (MST); Movimento de Luta pela Terra (MLT); Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado da Bahia (FETAG-BA); Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar no Estado da Bahia (FETRAF-BA); Movimento dos

Trabalhador/as, Assentado/as, Acampado/as e Quilombolas (CETA) e Fundação de Apoio aos Trabalhadores/as Rurais e Agricultores/as Familiares da Região do Sisal e Semiárido (FATRES); Escolas de Família Agrícola; como também o Fórum Estadual de Educação do Campo.

Assim, o Departamento de Itaberaba - Campus XIII ofereceu o curso Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO, com habilitação em docência multidisciplinar nas áreas de Linguagens e Códigos e Ciências da Natureza e Matemática.

O curso visou formar professores para Educação Básica, nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio em consonância à realidade social e cultural específica das populações que trabalham e vivem do campo, na diversidade de ações pedagógicas necessárias para concretizá-la como direito humano e como ferramenta de desenvolvimento social. (Projeto de Reconhecimento, 2019, p. 9).

O curso foi implantado na modalidade de “Turma Especial” de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em docência multidisciplinar em Códigos e Linguagens e Ciência da Natureza e Matemática, com a oferta de 60 (sessenta) vagas. Porém, iniciou com 50 (cinquenta) discentes, por razões específicas

diretamente ligadas às vontades individuais, e finalizou suas ações com 42 (quarenta e dois) estudantes. A estrutura do curso está fundamentada de forma teórico-metodológica com os princípios e concepções da Educação do Campo, de acordo com o Projeto de Reconhecimento do Curso (2019), quais sejam:

- 1) Princípios filosóficos da Educação do Campo;
- 2) Pedagogia da Alternância como aquela adequada à Educação do Campo, no que diz respeito aos tempos educativos nas comunidades como efetivos tempos escolares; e
- 3) Experiências educativas dessa modalidade pedagógica.

Do ponto de vista da concepção do curso, este “... baseou-se no princípio de que a produção do conhecimento se materializa do modo mais significativo se esta garantir a inter-relação de práticas e saberes oriundos das vivências socioculturais dos sujeitos autores ...” (Projeto de Reconhecimento do Curso, 2019, p. 107), em diálogo com as matrizes pedagógicas da Educação do Campo, em consonância às especificidades dos povos do campo. Já o regime de alternância do curso se operacionalizou através do Tempo Escola (TE) e Tempo Comunidade (TC), respeitando as características de cada componente. A alternância dos tempos educativos teóricos contempla a

perspectiva do PROCAMPO quando explicita sua estratégia pedagógica no sentido de garantir o cumprimento da carga horária do curso e potencializa a tríade da própria universidade na indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão. Os distintos tempos educativos, Tempo Escola e Tempo Comunidade, articulam os saberes científicos e os saberes das comunidades através das atividades de matriz interdisciplinar elaboradas pelos professores dos componentes curriculares de cada semestre letivo. Importante destacar a operacionalização entre os tempos educativos do ponto de vista didático-pedagógico, conforme explicita o Projeto de Reconhecimento do Curso (2019).

O Tempo Comunidade é o período em que os estudantes, ao retornarem para suas respectivas localidades, desenvolvem atividades orientadas pelos professores no decorrer do TE e fazem dialogar a vivência do seu cotidiano com os conteúdos ministrados, na perspectiva da práxis. É uma das estratégias importante e reconhecida na Educação do Campo, pois, garante ao trabalhador e trabalhadora do campo, o acesso à educação (em qualquer nível) sem abandonar o trabalho da produção, sua comunidade, seus vínculos afetivos, simbólicos e produtivos. (p. 104).

Em suma, o curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação

em docência multidisciplinar em Códigos e Linguagens e Ciência da Natureza e Matemática revelou no seu fazimento que é possível que “*os homens se libertem em comunhão*”, sobretudo no enfrentamento às contradições e tensões ocorridas no seu percurso formativo.

O documento que serviu de base para a escrita dos contornos da materialidade do curso aponta os limites e as potencialidades da Licenciatura através dos detalhes impressos em cada linha e na leitura das entrelinhas, na cuidadosa escrita de não deixar escapar as subjetividades que marcaram a trajetória de jovens, adultos e idosos, via os sonhos que sonharam juntos por transformação social, da educação que liberta e da materialidade da luta dos Sem Terra.

Arte e processos formativos no curso de licenciatura em Educação do Campo

Neste tópico nos ocuparemos em discutir sobre como as práticas artísticas se revelaram nos distintos processos formativos e em que a arte contribuiu para fortalecer a emancipação dos licenciados e das licenciadas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNEB.

Para tanto, selecionamos algumas atividades que se destacaram sobremaneira durante o curso. Um dos

critérios de escolha usado tem como base a parceria com docentes do curso que ministraram aulas em componentes curriculares que não eram da área específica de artes; outro aspecto foi o caráter inovador das atividades propostas, a exemplo da produção teatral com base no livro *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, onde os/as estudantes deveriam reproduzir o livro todo sem cortes, mas dividido em equipes. Esta ação só foi possível com a ajuda de todos/as os/as educandos/as mesmo os que não cursavam a habilitação de códigos linguagens; também observamos e selecionamos a prática da mística durante o curso, com destaque para as que aconteceram durante os Seminários de Articulação do Tempo Escola e Tempo Comunidade.

As atividades descritas a seguir foram desenvolvidas em módulos diferentes não seguindo uma sequência, também nem todas foram de componentes curriculares que tinham o tempo comunidade previsto na matriz curricular do Projeto Pedagógico de Curso. Algumas foram solicitadas em um módulo e os resultados socializados no módulo seguinte, nesse caso, dialogaremos com as ações dos Seminários de Articulação Tempo Escola/Tempo Comunidade.

Identidade e território no fazer do pano pedagógico

A partir da necessidade de socialização das atividades de pesquisa realizadas durante o tempo comunidade do primeiro módulo do curso surgiu a ideia de fazer um Seminário com o tema “Notícias do Mundo de Lá”. Essa ideia casaria direitinho, pois o curso era composto por representantes de 21 municípios da Bahia e a diversidade era muito grande e queríamos uma proposta que pudesse contemplar essa diversidade. Foi então que, inspiradas pela música “Encontros e Despedidas” de Milton Nascimento e Fernando Brant, reproduzida na voz de Maria Rita, propomos a confecção de um pano pedagógico coletivo onde cada grupo deveria, através da imagem, dar notícias do lugar onde viviam e produziam seu lugar de vida, pois a *plataforma dessa estação é a vida desse meu lugar, é a vida desse meu lugar, é a vida...*

Para tanto fomos buscar aporte teórico na *Arte Naif* (segundo Haddad e Morbin, 2009, palavra francesa que significa “natural”, “ingênuo” ou “primitivo”; pintura que é produzida por artistas sem formação culta no campo da arte, muitos considerados autodidatas, pois aprenderam sozinhos sua técnica e

não seguem regras nem tendências artísticas); em alguns artistas como Pedro Munhoz, com a música Canção da Terra; e nas produções dos artistas populares Antônio Poteiro, Silvio Jessé e Henri Rousseau. A proposta ser pautada nesta arte foi intencional para fazê-los entender, na prática, que arte pode ser feita por todas as pessoas, sejam elas com formação acadêmica ou não, com domínio da técnica ou não, e que pode ser feita de maneira a não ficar presa ao rigor da técnica e dos padrões estabelecidos pela academia clássica erudita, pois compreendemos que “a arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar” (Tolstoi, 2002, p. 15).

Corroboramos com a afirmação do autor, pois entendemos que o fazer artístico faz parte da natureza humana e não deve ser posto como algo inalcançável ou próprio de determinados grupos de pessoas ou lugares. A arte para os Sem Terra significa

Eis o conceito que formulamos pela experiência do caminhar político que deu rumo a nosso destino. A arte é a interpretação do mundo em que vivemos e a projeção do mundo que queremos.

É uma mistura de realidade com a intuição, de um futuro que almeja vir a ser. Artistas são aqueles que sempre estão à frente na interpretação e aceitação dos desafios eu, enfrentados, movem a história. Desta maneira, sem terra, ultrapassa a condição social para tornar-se realidade sócio-artística, que cava na consciência de cada um, o alicerce para edificar a nova história cheia de belezas. Sem ela a luta não vinga, pois não atrai energia para alimentar-se e fortalecer-se (Bogo, 2002, p. 138-139).

Os Sem Terra têm consciência de que todos os símbolos que envolvem a luta tem relação com a arte, ainda que alguns tenham pensado durante as aulas que não sabiam produzir arte ou que não entendiam nada sobre o assunto, buscávamos refletir de forma a retomar a consciência do fazer artístico tendo como base artística teórica as produções dos próprios camponeses.

A produção da colcha de retalhos proporcionou aos/as educando/as terem contato com a História da Arte, assim como com a história de vida dos artistas selecionados, sua inserção nos movimentos artísticos e, logicamente, articular o conhecimento popular com o conhecimento científico. Ainda direcionou o grupo a um olhar diferenciado sobre a produção artística e as concepções de Educação do Campo.

O grande painel da vida simples, singular e cheia de saberes dos povos do

campo nos ensinou, e ainda ensina, que em “cada saber tem um jeito de ser”, ou seja, simbolicamente temos os modos de expressão do camponês, como: marcha de luta pela reforma agrária; escolas de família agrícola; assentamentos e acampamentos da reforma agrária; festejos; escolas do campo; paisagens do campo; produção agrícola; comunidades rurais; movimentos sociais e sindicais do campo; todos com seus respectivos fundamentos sócio-políticos.

Essa colcha tornou-se para o grupo um símbolo que representa a turma da Licenciatura em Educação do Campo na UNEB, nas dimensões política, cultural, econômica, social e de luta pela Educação

do Campo. Passou a ser usada como símbolo quase que obrigatório nos eventos acadêmicos dos/as licenciando/as, nas místicas de abertura e em várias atividades em comunidades. Salientamos que, após a confecção dessa colcha de retalhos, outras foram confeccionadas em outras Universidades; em programas e projetos que os/as educandos são bolsistas ou não; assim como nos movimentos sociais populares de luta pela terra; em atividades religiosas; sendo que até hoje realizamos essa atividade na Educação do Campo, para nossa inteira satisfação.

Figura 1 - Colcha de retalhos produzida pelos/as educandos/as da LECampo/UNEB – 2013.



Fonte: Foto de Lídia Barreto da Silva.

Outro aspecto que merece destaque foi o fazer no coletivo, ou seja, para que a colcha fosse confeccionada, todos deveriam

costurar juntos, e ao mesmo tempo, o que exigiu agrupamento e cumplicidade para

dar conta de uma tarefa com dia e hora para ficar pronta.

Os corpos militantes

Outra atividade que selecionamos para compor esse artigo foi a que aconteceu em parceria entre as docentes dos componentes curriculares Literatura Brasileira e Fundamentos das Artes Cênicas, sendo que ambos compõem a habilitação de Códigos e Linguagens.

As docentes desses componentes solicitaram uma atividade de dramatização do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com o seguinte roteiro: cada capítulo deveria ser representado por uma equipe; estudo dos aspectos regionais e sociais presentes no texto; planejamento do cenário e

figurino e divulgação da apresentação teatral.

Esse roteiro foi seguido a rigor pela turma, mas, para que fosse possível a montagem da peça e apresentação, novamente a turma se tornou uma só, pois os/as educando/as da habilitação de Ciências da Natureza e Matemática participaram ativamente da atividade como um todo, o que reforça o caráter de coletividade tão preservado pelo/as educandos/as militantes deste Curso. Durante as aulas de Fundamentos das Artes Cênicas vários jogos teatrais ajudaram a trabalhar a dicção, expressão facial e corporal e posicionamento em cena e no tablado. Conforme as figuras 2 e 3 apresentadas abaixo:

Figura 2 - Jogos Teatrais.



Fonte: Foto de Lídia Barreto da Silva

Figura 3 - Jogos Teatrais.



Fonte: Foto de Lídia Barreto da Silva.

O teatro como linguagem artística tem a capacidade de “proporcionar às populações a possibilidade de expressarem o mundo de acordo com seus valores, dando voz às suas múltiplas identidades” (Miranda & Franzoni, 2016, p. 199), denúncias, protestos e toda forma de luta. O artista se posiciona através de sua arte e se coloca como veículo crítico a toda forma de opressão e desigualdade. Sobre essa questão Canda (2010) apresenta o pensamento de Boal, quando diz

Boal acreditava que o teatro, enquanto ação humana, é um tipo de atividade carregada de cunho político, não sendo neutra, por isso, os artistas que assumem sua discordância com o mundo que conhecemos não devem desenvolver um processo artístico que confirme ou reforce a desigualdade social (p. 42).

Vivenciar, juntos com os/as estudantes, essa atividade nos fez reafirmar a importância da produção artística no processo formativo de futuros professores e de como a linguagem artística do teatro pode proporcionar reflexões no campo político, críticas às condições sociais e econômicas de um país e de um povo, assim como posicionamentos de enfrentamento frente ao sofrimento principalmente da classe trabalhadora rural.

Mística para alimentar a luta

Durante os anos de duração do curso, a mística esteve sempre presente em todas as atividades: nas aulas, nos seminários, na ocupação do Departamento de Educação, nas atividades fora da sala de aula, enfim, no

cotidiano formativo do/as educando/as militantes, porque a mística para o militante deve exercer

...um papel fundamental, em termos individuais e coletivo, nas lutas de massa, nas comemorações e celebrações, nas alegrias, nas derrotas e nas vitórias. Tem o papel de nos animar, de nos revigorar para novas e maiores lutas. De nos unir e fortalecer. Tem o papel de nos dá consistência ideológica em nosso trabalho do dia-a-dia. Queremos que essa prática contagie todos os militantes do MST. Queremos que ela seja exercida em todos os setores, instâncias, escolas, cooperativas, acampamentos, assentamentos. Da mesma forma, queremos que ela seja exercitada por outras organizações que têm os mesmos ideais e propósito de construir uma sociedade socialista (Bogo, Boff & Peloso, 1998, p. 05).

A mística ocupou lugar de destaque, era planejada com compromisso e a partir de uma motivação para os que frequentaram o curso. “Pensar a mística”, como a comissão responsável se referia ao processo de fazimento da mesma, era a primeira tarefa a ser realizada, pois exigia de todos/as os/as envolvidos/as o compromisso com o que iriam vivenciar durante esse “ato cultural”, como é chamada por alguns militantes.

Vários elementos compõem o “ato cultural”: é a bandeira do movimento

“que aparece com grande destaque em todas as manifestações do Movimento”; o Hino do Movimento dos Sem Terra e as músicas e poesias que dão o tom e ditam o compasso de cada militante. Outros símbolos “como o facão, a foice, a enxada e os frutos do trabalho tornaram-se presente no cotidiano da luta, representando a resistência e a identidade dos sem-terra” (Morissawa, 2001, p. 210), todos esses elementos com seus significados e ainda “Os pés descalços ou em sandálias, o chapéu de palha do camponês, a panela de barro no fogo são também representações presentes em esculturas e pinturas de grandes artistas apoiadores do Movimento” (Morissawa, 2001, p. 210).

No fazer da mística há uma diversidade de símbolos muito significativa. Durante o processo de fazer e apresentar a mística tudo pode se tornar símbolo, vai depender do contexto, do que se quer abordar, do que se quer alcançar com os presentes, sejam docentes, estudantes, trabalhadores, todos que estiverem no movimento de construção de uma sociedade igualitária. As figuras 4 e 5 abaixo representam de forma imagética o que queremos escrever nessas linhas:

Figura 4 - Mística 1: Seminário de Articulação TE/TC: Notícias do Mundo de Lá – 2013.



Fonte: Foto de Lídia Barreto da Silva.

A mística é arte de dizer, gritar através dos gestos e da composição estética. Os/as educandos/as se revelaram cantores, atores, dançarinos, poetas, músicos, figurinistas, tudo fruto de uma prática que começou antes mesmo de adentrarem ao curso e que se aperfeiçoou e potencializou o gosto pela arte. Arte de um lutador do povo. Esta constatação nos remete a Frederico (2013), que assim escreveu:

Liberta das “impurezas” do cotidiano, a arte revela uma realidade mais profunda e verdadeira. Como manifestação sensível do Espírito, ela exerce uma função mediadora unindo o meramente sensível e o inteligível,

o finito e o infinito, o subjetivo e objetivo, a natureza prisioneira de si mesma e a liberdade do pensamento (p. 29).

E também nas palavras de um dos educandos que frequentou esse curso:

Em todos os lugares se é necessário ter a arte presente ela se faz mover e desenvolve no ser humano o gosto pela criatividade e o modo de pensar atuando assim a liberdade de expressão no tempo escola e seminário a arte foi os meus pés no chão me incentivando a participar pela satisfação causada em aprender e ter a capacidade criadora (Padre Josimo Tavares).

Figura 5 - Nascidos da terra para por ela lutar.



Fonte: Foto de Lídia Barreto da Silva.

Fazer este registro a respeito das atividades artísticas representa uma revisitação às vivências educacionais e artísticas protagonizadas pelos/as estudantes da LECampo. A memória pode ter deixado escapar outras tantas experiências relevantes, além do espaço deste artigo. Consideramos significativo registrar, fazendo uso das palavras de Eduardo Galeano, que *“a memória guardará o que vale a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo”*.

Assim, para além dos processos formativos no curso de Licenciatura em Educação do Campo do DEDC XIII, veremos a seguir reflexões em torno da formação e do lugar que a arte tem ocupado na atuação profissional dos

egressos e egressas que responderam o questionário aplicado.

O trabalho pedagógico de egressas e egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UNEB: refletindo sobre o lugar que a arte aí ocupa

O trabalho pedagógico é aquele que se realiza no âmbito da sala de aula e da ambiência escolar como totalidade. Trata-se de atividades realizadas pela docência, com vistas à realização de processos formativos da escola ou de outros espaços educativos. O trabalho pedagógico nas Escolas do Campo ou em outros espaços educativos dos territórios rurais é fundamental para a materialidade do Projeto de Educação do Campo, na medida em que é por ele que os processos

de ensino e de aprendizagem ocorrem. Ou seja, pelo trabalho pedagógico se realiza um determinado projeto de educação e suas relações com a sociedade e a humanização das pessoas.

Ao trabalho pedagógico recaem, também, os vínculos intrínsecos aos processos de formação da docência e aos pressupostos teórico-metodológicos dessa formação. Nesse sentido, conforme anunciado anteriormente, os processos formativos do curso de Licenciatura em Educação do Campo tomaram como referência elementos da arte, vislumbrando sua compreensão e possibilidades de processos educativos de perspectiva crítico emancipadora.

A análise dos questionários aplicados evidenciou que dentre os respondentes, participantes da pesquisa, 82,4% estão vinculados a movimentos sociais populares do campo, que são Movimentos de Trabalhadores Acampados, Assentados e Quilombolas do Estado da Bahia (CETA), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); e Associação de Escolas e Comunidades de Família Agrícolas da Bahia (AECOFABA). Esse dado atualiza que se encontra em voga a intencionalidade dos movimentos acerca da formação e qualificação de militantes,

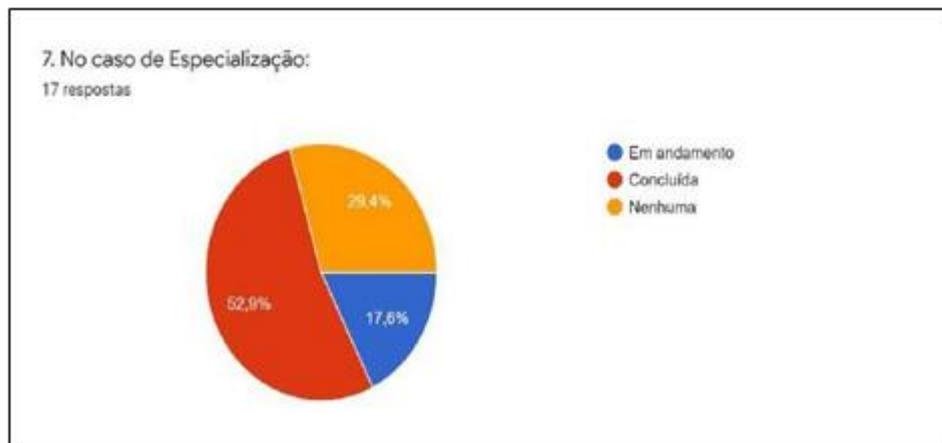
sobretudo aqueles que atuam em Escolas do Campo. Ou seja,

Na medida em que os Movimentos Sociais Populares do Campo compreendem a educação e o conhecimento escolar como força motriz na luta pela Reforma Agrária Popular fazem suas reivindicações por formação inicial e continuada, em nível superior, para educadoras e educadores do campo sob a perspectiva crítica e política tanto para os processos de formação quanto para os aprendizados e exercícios da docência. (Ferreira, Carvalho & Bogo, 2021, p. 25).

Por seu turno, tanto a Escola do Campo quanto os demais espaços em que ocorrem processos educativos dos territórios rurais são disputados pela classe trabalhadora camponesa, de modo não só a garantir o direito social à educação, mas uma formação aos povos camponeses, ancorada na perspectiva crítica, emancipadora e politicamente definida em favor do projeto histórico e da luta social, protagonizada pelos Movimentos Sociais, Sindicais e Populares do Campo. Registre-se ainda que a intencionalidade é o intenso processo de formação continuada, em nível de pós-graduação e, por isso mesmo, 52% dos respondentes (09 pessoas) se encontram com o curso de Especialização *lato sensu* concluído e 17,6% (03 pessoas) se encontram

cursando esse nível de ensino, como mostra o gráfico da Figura 6.

Figura 6 - Participação dos respondentes da pesquisa em cursos de especialização *lato sensu*.

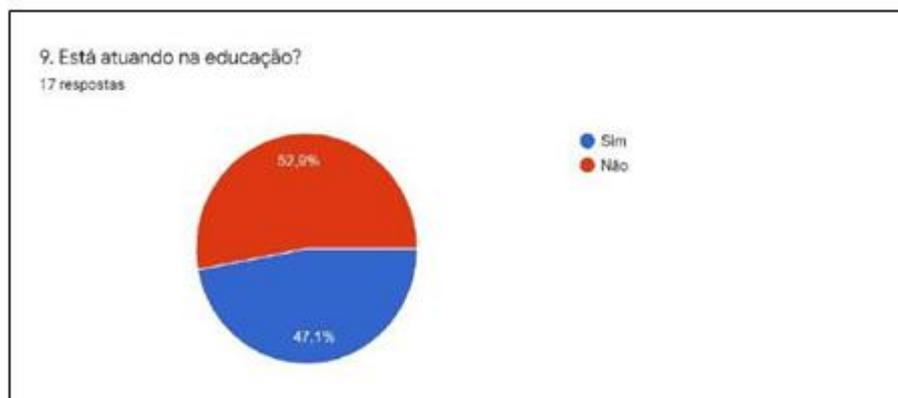


Fonte: Questionário Google (agosto/2021).

A formação continuada, para quem atua no âmbito da educação, é condição elementar para a perspectiva crítica de educação que se pretenda realizar como afirma o Mestre Paulo Freire (2016) “teoria sem prática é blá, blá, blá (teoricismo) e prática sem teoria é ativismo pedagógico.” Nesse sentido é que se considera que a formação continuada possibilita o equilíbrio

necessário, pelo exercício da práxis, para os processos de ensino e aprendizagem. Verifica-se no gráfico da Figura 6 que um número significativo de egressos, mais de 50% dos respondentes concluíram a especialização e, portanto, se encontram em um processo avançado de atuação profissional em educação e formação continuada.

Figura 7 - Número de respondentes da pesquisa que atuam em educação.



Fonte: Questionário Google (agosto/2021).

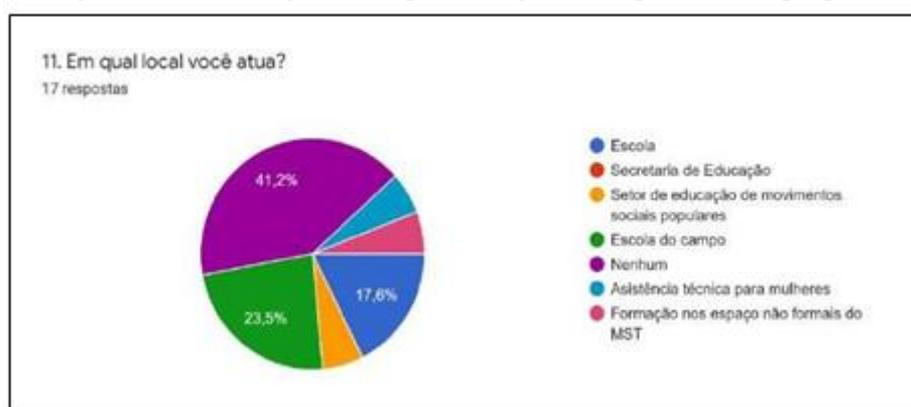
Essa prerrogativa interliga-se com outra informação importante identificada no questionário, ao juntarmos os percentuais de atuação em escolas 47% (08 pessoas) das egressas que estão exercendo a docência, como mostra o gráfico da Figura 8.

A docência é o trabalho do professor e neste os profissionais desempenham um conjunto de funções que se estendem para além da tarefa de ministrar aulas, inclui o ensino, mas não se restringe a ele, então, processos educativos podem ocorrer também em espaços distintos da escola – não

escolares – definidos como "...possibilidades do inusitado, do diferente, da autonomia reivindicada para desenvolver o trabalho formativo 'desinteressado', mas intencionalmente planejado, organizado e propositivo para o enfrentamento da força do capital sobre os direitos sociais, a natureza, o trabalho" (Carvalho & Ferreira, 2020, p. 18- 19).

No gráfico da Figura 8 verifica-se a diversificação do campo de atuação dos respondentes do questionário, assim como a relação entre a educação e atuação profissional:

Figura 8 - Diversificação do campo de atuação dos respondentes da pesquisa.



Fonte: Questionário Google (agosto/2021).

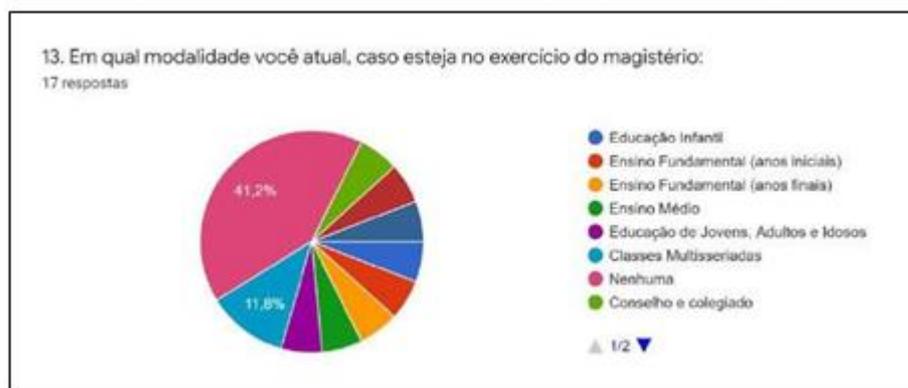
Esse dado representa que dentre as 17 pessoas participantes da pesquisa 10 encontram-se envolvidas com a área de Educação. Ademais, provoca a reflexão da importância da Licenciatura em Educação do Campo, pois a especificidade dessa formação orienta a atuação profissional de Educadoras e

Educadores em Escolas do Campo, mas também em Secretarias de Educação, Setores de Educação de Movimentos Sociais Populares do Campo, a exemplo, do CETA e do MST.

Ao questionarmos sobre a modalidade de ensino ou campo específico de atuação foram encontradas

as seguintes respostas, conforme o gráfico na Figura 9:

Figura 9 - Modalidade de ensino ou campo específico de atuação.



Fonte: Questionário Google (agosto/2021).

Assim, evidencia-se que na atuação profissional há uma predominância da Educação Básica, rede pública, em territórios rurais. Nesses aspectos, chamamos a atenção que esta atuação está se dando com pessoas oriundas de comunidades camponesas, com pessoas que foram excluídas do tempo regular de sua escolarização, por exemplo a modalidade EJA e também em espaços da gestão escolar (conselhos e colegiados). Esse dado tanto exige a rigorosidade e densidade teórica dos processos formativos, quanto os egressos e egressas são chamados, pela importância dos cargos que ocupam, a estarem vigilantes quanto ao exercício da práxis, aos elementos de crítica necessários à leitura da realidade concreta em que está inserida sua força de trabalho e o público de crianças, jovens e adultos com os quais estão a realizar processos educativos.

Do ponto de vista das contribuições do estudo da arte, os egressos e egressas que participaram dessa pesquisa afirmam que a arte é:

Arte é o que dá graça e entusiasmo às pessoas e ao mundo.

Arte nos dá um entendimento de mundo mais amplo em meio de comunicação entre as pessoas e os povos, nos dá subsídio para compreender melhor a vida e suas emoções.

Para mim Arte é qualquer atividade humana que está ligada com as manifestações, por meios de uma variedade de linguagem como música, dança, teatro e desenho etc...

A arte ocupa vários espaços, vinculada em vários sujeitos e nossa representação.

É a arte de abunitar o fazer pedagógico, possibilitando ludicidade no processo de ensino aprendizagem. São formas criativas de expressar, de cada sujeito. Intercâmbio de prática e teoria.

Arte é as diversas maneiras de expressar o sentimento do artista sendo ela pela música, dança, literatura...

A arte é a forma do ser humano expressar suas emoções.

É toda forma de expressar sentimentos seja ela na tela, no corpo, no canto, no jeito de lidar com a luta e com a vida.

As 10 afirmações destacadas, que apontam a arte como atividade própria do ser humano, criação, expressão de sentimentos, apontam também para relações que se estabelecem entre arte e formas de viver e organizar a vida. Nesse sentido, inferimos sobre a importância de ressaltar a existência, a relevância, a necessidade e a função social da arte nos processos de formação de educadoras e educadores do Campo, pois desse debate se origina compreensões sedimentadas na práxis educativa e criadora, tendo como horizonte processos de formação crítica e de perspectiva emancipadora.

Do latim *ars*, a arte é o “talento de saber fazer” (Bogo, 2016) e se caracteriza como atividade vinculada a habilidades humanas, conforme Bogo afirma que “a arte acompanha a produção da existência; foi e é parte da cultura. Ajuda a compor a consciência estética dos indivíduos e dos grupos sociais” (Bogo, 2002, p. 136).

Durante a trajetória histórica humana a arte vem exercendo papel fundamental para construção do conhecimento. Não por acaso, pois o exercício do fazer criativo é inerente à natureza humana, desde os tempos mais remotos que se têm indícios e

conhecimento da produção artística da humanidade, seja nas pinturas rupestres, seja na construção de ferramentas, seja nos utensílios domésticos, seja nas obras de artes que compõem museus em todo mundo e ainda também nos reisados, congadas, cordéis e tantas manifestações artísticas populares dentre os mais diversos povos. Essa afirmação tem amparo nos estudos de Araújo (2016), quando diz que

Ao longo dos anos a arte assumiu diferentes funções e se manifestou por uma diversidade de linguagens e procedimentos técnicos, devido às transformações sociais, políticas, tecnológicas e culturais que ocorreram na sociedade. Cada vez mais o homem sentiu necessidade de dialogar com o mundo à sua volta e de demonstrar seus anseios, ideias, emoções e conhecimentos (p. 148).

A arte é uma área do conhecimento que dialoga com todas as outras áreas, pois, em quase tudo, a arte está presente, desde o desenho de uma cadeira até a sua fabricação o que revela o caráter utilitário da arte, passando pelas criações têxteis, moda, design tecnológicos até as pinturas, espetáculos de dança e teatro, música e toda produção artística que circula pela humanidade. Para termos conhecimento dessa produção artística é necessário educarmos o “olhar”, apreciar a arte presente, para que seja possível

compreender as intenções do/a artista e produzir interpretações significativas da obra (Araújo, 2016, p. 148). E para que o olhar seja educado de maneira a compreender as relações da arte com o homem é fundamental o movimento de arte e educação e/ou educação com arte e ainda mais a educação pela arte.

A Educação do Campo e o Ensino da Arte se aproximam conforme Barbosa (2012, p. 06) defende “Se pretendermos uma educação não apenas intelectual, mas principalmente humanizadora, a necessidade da arte é ainda mais crucial para desenvolver a percepção e a imaginação, para captar a realidade circundante e desenvolver a capacidade criadora necessária à modificação desta realidade”.

Tanto a arte quanto a educação do campo se preocupam com uma formação que valorize o processo de emancipação das pessoas, buscando abordar conteúdos, por exemplo, que realmente contribuam para o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos envolvidos. Essa assertiva articula-se com a compreensão de arte presente nas 10 afirmativas citadas acima, assim como justifica que a arte faça parte do trabalho pedagógico de 70% das egressas e egressos do curso.

Ora, se a arte é “toda forma de expressar sentimentos, seja ela na tela, no

corpo, no canto, no jeito de lidar com a luta e com a vida”, essa compreensão por si só reafirma que a arte não poderá estar ausente de processos educativos; arte é presença indispensável aos processos de formação humana; é constante e inerente aos processos de educação – humanização das pessoas. Ou seja, na medida em que a arte é entendida como formas de expressar sentimentos, se torna peculiar à educação, aos processos educativos e ao trabalho pedagógico. Conforme já nos referimos anteriormente “a arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros” (Tolstoi, 2002, p. 15).

Se por um lado a arte expressa humanização, criação e sentimentos, por outro, o Projeto de Educação do Campo protagonizado pelos movimentos sociais populares do campo dá lugar à mística como atividade criadora, política e revolucionária. De acordo com a discussão anunciada anteriormente, a mística “...tem o papel de nos animar, de nos revigorar para novas e maiores lutas. De nos unir e fortalecer. Tem o papel de nos dar consistência ideológica em nosso trabalho do dia-a-dia...” (Bogo, Boff & Pelloso, 1998, p. 05). E por isso esteve intencionalmente presente durante todo o percurso de formação das egressas (os) do curso.

Não sem razão, a mística é atividade que está presente no trabalho pedagógico. As respostas apresentadas no questionário sobre a compreensão de mística indicam que a arte se corporifica como mística, nos processos educativos que as egressas (os) realizam. Ao indagarmos sobre o que é mística, 08 das respostas apontam para uma relação intrínseca com a arte. Ademais, 47,1% das egressas e egressos (08 pessoas) se utilizam da mística como atividade regular no seu trabalho pedagógico. Vejamos as respostas a seguir:

Mística está no que apenas é possível sentir sem necessidade de explicação. Expressar a arte em movimento.

vivencia como o resgate de uma originária entre o fundamento da realidade de aquilo que pode ser retratado de diversas formas

Aquilo que nos encoraja, que nos estimula, que nos toca.

É uma postura de acolhimento e submersão no mistério interior que nos habita e habita o cosmo...

É a maneira de manifestar de povo, de grupo, levando em conta, os aspectos culturais, sociais, religiosos, temáticos, etc. Na minha visão, é uma linguagem artística.

Mística é um dos melhores métodos de transmitir ideias, transmitir emoção, demonstrar talentos. Mística é, se emocionar e transmitir emoção.

É uma forma de meditar a vida Expressão de linguagens

Mística é ímpar, inexplicável tanto para quem faz quanto pra quem assistí, a gente se envolve naquele momento em que ela acontece, uma energia surreal nos emocionamos, refletimos... Assim então a mística

acontece e nos embreaga daquelas sensações que só a mística permite acontecer.

Mística pra mim é o badalar da alma. Um tipo de manifestação cultural das comunidades ou assentamentos vinculadas com algum movimento social

A mística é a representação de mistério, das lutas sociais através das mesmas os sujeitos sociais mostra as suas lutas e conquistas alcançada no decorrer do processo de acampamento e assentamento

Uma tradição que se comunica, que com o uso da mística conseguimos responder as questões que nos interessam.

Arte

São ações comunicativas, uma leitura da luta diária do povo.

É a essência desse movimento, é o que me possibilita acordar todos os dias com a esperança de dias melhores.

Estas respostas evidenciam ainda que a mística tem raízes militantes, pois “Militantes: mulheres e homens em cada ação fazem-se a si próprios e a organização. Tem ela o jeito de seus passos, o carinho de seus gestos e a acolhida de seus braços” (Bogo, 2004).

Vale ressaltar que além do elo entre mística e militância e do caráter político-revolucionário da mística, ela é, como totalidade, atividade formadora – atua como movimento dialético de contribuições formativas tanto para quem planeja e realiza a mística, como para quem participa na plateia, assistindo, interagindo com a simbologia das linguagens que são mobilizadas para

aquele momento formativo. As (os) egressas (os) do curso aprenderam a lição e evidenciam em suas afirmações a mística como expressão concreta, incisiva, objetiva, mas plena de beleza, valores, crítica, estética, esperança.

Considerações conclusivas

Ao longo do texto objetivamos, sobretudo, discutir concepções e princípios da formação de Educadoras/es, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, do DEDC XIII, da UNEB, bem como as contribuições da arte nesse processo formativo. A pesquisa evidenciou um intenso processo de formação docente que toma como pressuposto os fundamentos teórico-metodológicos da arte. Dessa perspectiva formativa os componentes curriculares do curso realizaram atividades interrelacionando conteúdos e atividades pedagógicas, principalmente, o componente Seminário Articulador de Tempo Universidade e Tempo comunidade, que ocorre em todos os semestres letivos do curso. Então, além da arte se apresentar como estratégia metodológica na matriz curricular, ela assumiu também a centralidades e práxis nos processos formativos.

Arte e trabalho pedagógico na educação básica, e em outros espaços

educativos onde os participantes da pesquisa atuam, devem se apoiar um no outro para que a arte tenha lugar efetivo, constante, continuado e cumpra com a intencionalidade formativa para a leitura crítica da realidade e realização de processos educativos de perspectiva emancipadora. Sob a lógica das relações que se estabeleceram durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo e a forma como a arte assume lugar de destaque no trabalho pedagógico, ela tem se caracterizado como alternativa teórico-metodológica para a formação de educadoras (es) do campo e para o trabalho pedagógico na escola e no exercício docente.

Os estudos no campo da Educação do Campo e da Arte são reveladores de debates, visto que ainda é muito recente o estudo com essas duas áreas do conhecimento. Assim, vale a ressalva de que este artigo revelou um campo muito rico para esse debate, pois as práticas artísticas são fundamentais nos espaços escolares e não escolares e tem muito a contribuir na prática docente desses egressos.

É salutar continuar debatendo a temática a fim de que cada vez mais escolas possam colocar a arte como centralidade em sua prática, principalmente as escolas do campo.

Ter um curso de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Códigos e Linguagens potencializa a luta por formação de professores que abordem as questões relacionadas à formação humana em todas as áreas, inclusive na área de artes, que durante muito tempo foi vista como conhecimento para a burguesia e não para a classe trabalhadora. Quando a universidade assume esse compromisso, junto aos movimentos sociais, e oferta um curso com essas características, rompe com o modelo de exclusão que ainda prevalece em nosso país.

A arte foi e é libertadora, promoveu e promove pensamentos ilimitados, capaz de empoderar e incentivar a romper com os medos, com a opressão, dando força pra continuar. Sendo assim, reiteramos um entendimento que aponta a arte como meio de comunicação e, “portanto, também de progresso – isto é, da caminhada da humanidade rumo à perfeição” (Tolstoi, 2002, p. 207).

Talvez ainda não tenhamos chegado à perfeição (não chegamos!), mas temos certeza de que já começamos a caminhada rumo à consolidação da Arte no contexto da Educação do Campo como área do conhecimento da maior importância para o processo de emancipação de todos os camponeses.

Referências

Araújo, G. C. (2016). Arte/educação no campo: algumas reflexões. In Silva, C., Miranda, C. F., Aires, H. Q. P., & Oliveira, U. F. (Orgs.). *Educação do Campo, Artes e Formação Docente*. Palmas, TO: EDUFT.

Barbosa, A. M. (2012). *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. 8ª ed. São Paulo, SP: Perspectiva.

Base Nacional Comum Curricular. (2018). Brasília, DF: Ministério da Educação.

Bogo, A. (2002). *O Vigor da Mística*. Caderno de Cultura nº 02 – MST.

Bogo, A. (2004). A flor e o militante. In *Cartas de Amor*. Setor de Formação Nacional do MST.

Bogo, A. (2016). Arte do e no Campo. In Carvalho, C. A. S., & Martins, A. A. (Orgs.). *Práticas Artísticas do Campo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 8).

Bogo, A., Boff, L., & Pelloso, R. (1998). *Mística: uma necessidade no trabalho popular e organizativo*. Caderno de Formação nº 27 - MST.

Canda, C. N. (2010). "PRO DIA NASCER FELIZ": diálogos entre Augusto Boal e Paulo Freire nos estudos de teatro e de educação. *Entrelaçando Revista Eletrônica de Culturas e Educação*, 1(1), 39-54.

Carvalho, L. F. O., & Ferreira, M. J. L. (Orgs.). (2020). *Práticas Educativas na Escola do Campo e em Outros Espaços Educativos dos Territórios Rurais*. Salvador, BA: J&M Editora e Gráfica.

Ferreira, M. J. L., Carvalho, L. F. O., & Bogo, M. N. R. A. (2021). Educação do

Campo no âmbito da Universidade do Estado da Bahia: abordagem histórica. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, 30(61), 17-37.

Curso de Licenciatura em Educação do Campo. Salvador, BA.

Frederico, C. (2013). *A arte no mundo dos homens: o itinerário de Lukács*. São Paulo, SP: Expressão Popular.

Freire, P. (2016). *Pedagogia do Oprimido*. 60ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra.

Haddad, D. A., & Morbin, D. G. (2009). *A arte de fazer arte*. 3ª ed.. São Paulo, SP: Saraiva.

Miranda, C. F., & Franzoni, T. M. (2016). Diálogos de saberes: A linguagem teatral e a formação do campo. In Carvalho, C. A. S., & Martins, A. A. (Orgs.). *Práticas Artísticas do Campo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; 8).

Morissawa, M. (2001). *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo, SP: Expressão Popular.

Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019. (2019). Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Diário Oficial da União. Brasília, DF: Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação.

Sena, I. F. S. (2019). Prólogo 1. In Wchoa, S. *Diálogos Críticos: BNCC, educação, crise e luta de classes em pauta* (p. 15-38)

Tolstoi, L. (2002). *O que é arte?* B. Torri (Trad.). São Paulo, SP: Ediouro. Clássicos Ilustrados.

Universidade do Estado da Bahia, UNEB. (2019). Projeto de Reconhecimento do

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 30/08/2021
Aprovado em: 12/10/2021
Publicado em: 13/11/2021

Received on August 30th, 2021
Accepted on October 12th, 2021
Published on November, 13th, 2021

Contribuições no Artigo: As autoras foram as responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: As autoras declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA
Ferreira, M. J. L., Silva, L. B., & Freitas, G. M. C. (2021). *Licenciatura em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB): arte e reflexões sobre o trabalho pedagógico de egressos(as)*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e12970. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12970>

ABNT
FERREIRA, M. J. L.; SILVA, L. B.; FREITAS, G. M. C. *Licenciatura em Educação do Campo da Universidade do Estado da Bahia (UNEB): arte e reflexões sobre o trabalho pedagógico de egressos(as)*. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 6, e12970, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e12970>